

A  
Esposa Bórgia





A  
Esposa Bórgia



JEANNE KALOGRIDIS

Tradução  
Vera Ribeiro



Copyright © 2005 by Jeanne Kalogridis

Título original:  
*The Borgia Bride*

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825  
www.objetiva.com.br

Capa  
Silvana Mattievich

Revisão  
Isa Laxe  
Maria Beatriz Branquinho da Costa

Diagramação  
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

K22e

Kalogridis, Jeanne  
A esposa Bórgia / Jeanne Kalogridis ; tradução Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2007.  
Tradução de: The Borgia bride  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-60280-13-1

1. Borgia, Lucrezia, 1480-1519 - Ficção. 2. Borgia (Família) - Ficção.  
3. Romance americano. I. Ribeiro, Vera. II. Título.

07-0836. CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

---

## AGRADECIMENTOS

**E**ste romance gira em torno de uma mulher lançada no papel de heroína. Os heróis são incomuns, mas tive a bênção de deparar com um bom número deles em minha vida e gostaria de nomeá-los aqui.

Primeiro, sou grata a Jane Johnson — especialmente por sua extrema paciência, seu talento arguto e ilimitado como editora e sua recusa a aceitar menos do que o melhor de mim. Sem seus comentários e sugestões inspirados, este livro simplesmente não existiria. Devo também um agradecimento a sua companheira da HarperCollins no Reino Unido, Emma Coode, por todas as suas sábias contribuições. Juntas, elas ajudaram, de maneira nada insignificante, a moldar este romance para melhor.

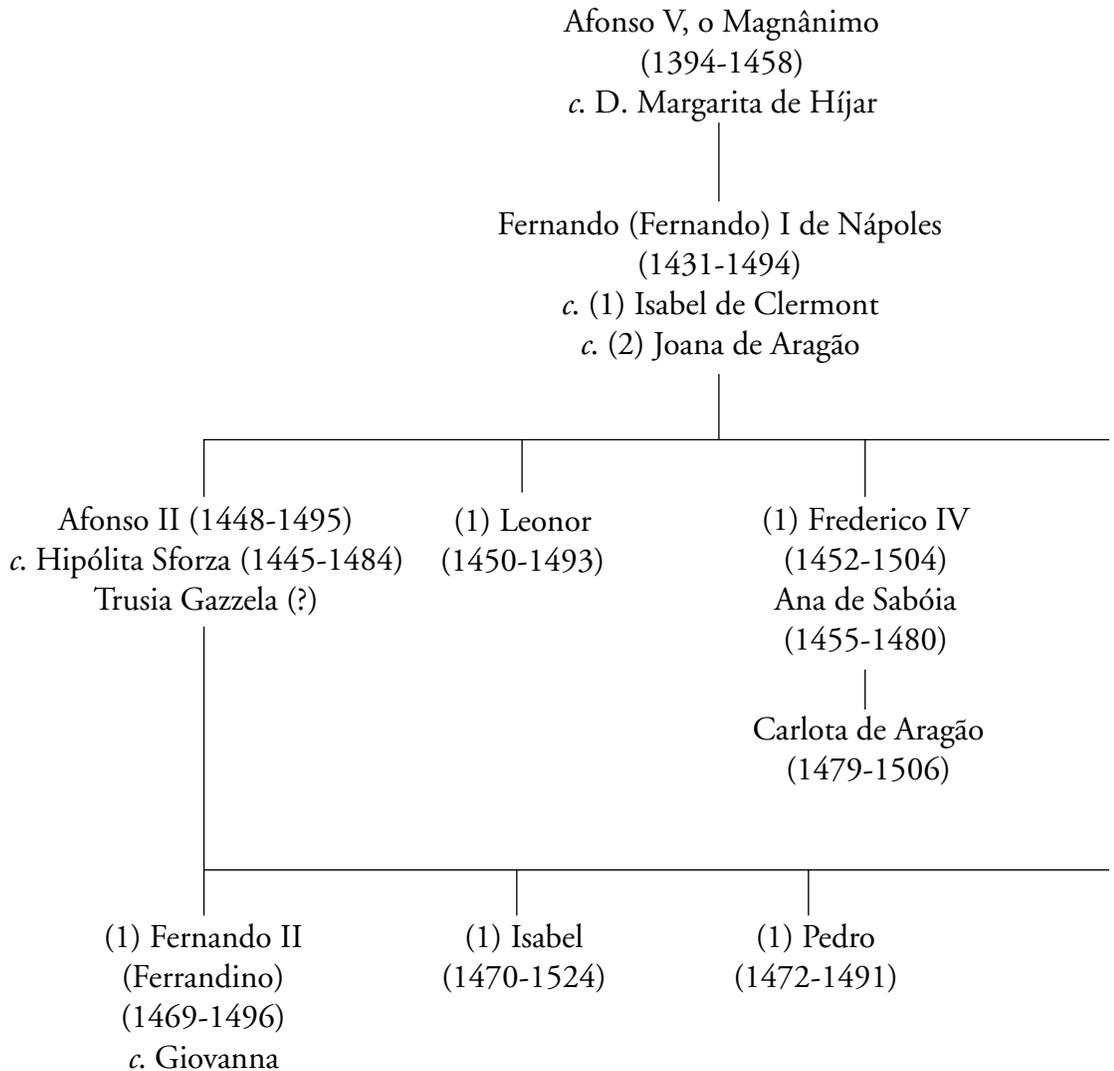
Sou também profundamente grata a meu heróico agente nos Estados Unidos, Russell Galen, por sua santa tolerância, seu apoio resoluto e seu jeito constante de me dar a mão; além disso, quero agradecer a meu agente no exterior, Danny Baror, por sua tenacidade ímpar como meu defensor. Esses dois cavalheiros são negociadores brilhantes, e é minha sorte tê-los a meu lado.

E agora, o maior de todos os heróis: meu marido, George, que suportou com bom humor o que nenhum companheiro deveria ter que tolerar — ajudar uma romancista extremamente irritadiça a editar seu manuscrito volumoso. Seu olho para detectar frases repetitivas e

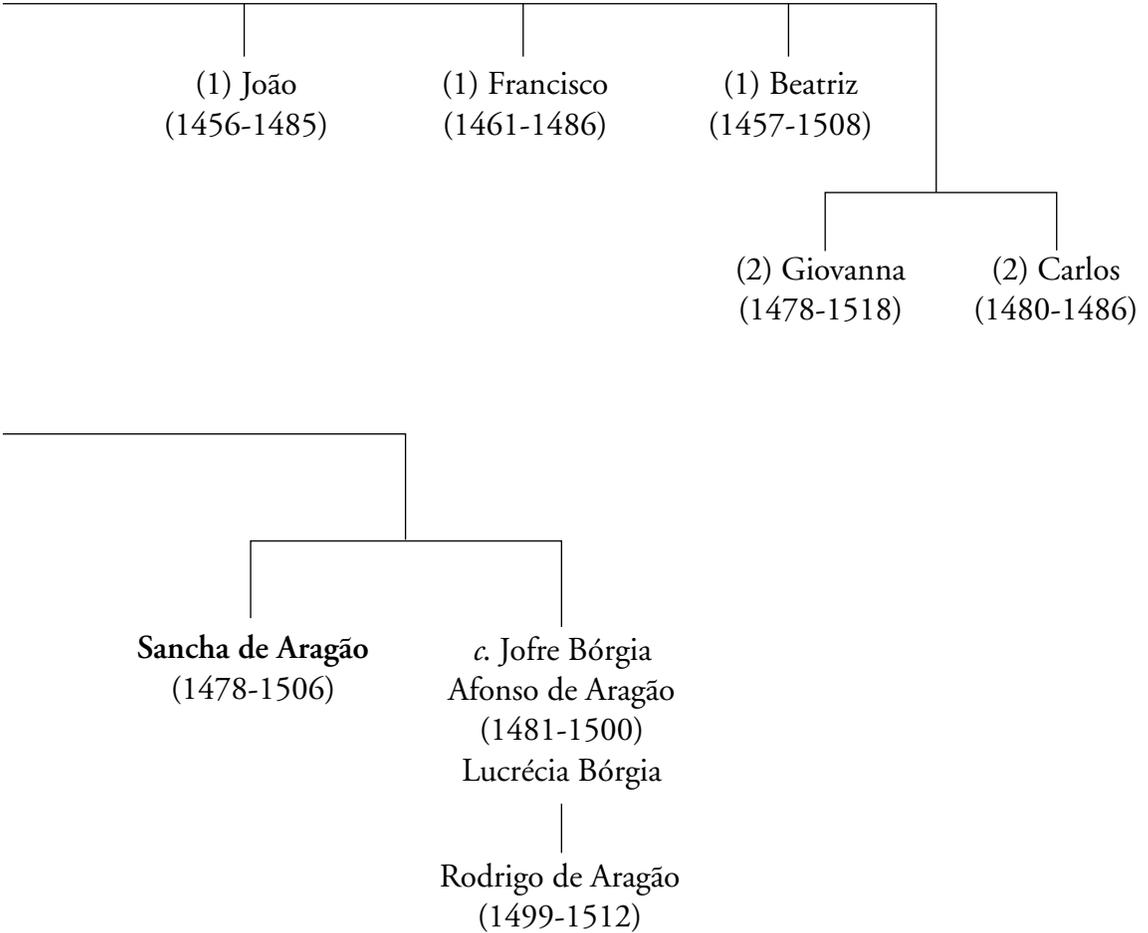
lacunas lógicas não tem igual, e ele deu numerosas idéias (que roubei animadamente) para fazer com que as cenas maçantes deste romance ganhassem vida. (Suas sugestões sobre a noite de núpcias de Sancha e Jofre ajudaram a tornar esse encontro muito mais pungente.) Nos vinte e tantos anos em que venho escrevendo, George tem sido pressionado a me oferecer seus préstimos inúmeras vezes, durante todas as etapas dos livros. Aqui vão meus sinceros agradecimentos a você, querido, embora eu saiba que eles fazem pouco pela diminuição do sofrimento.

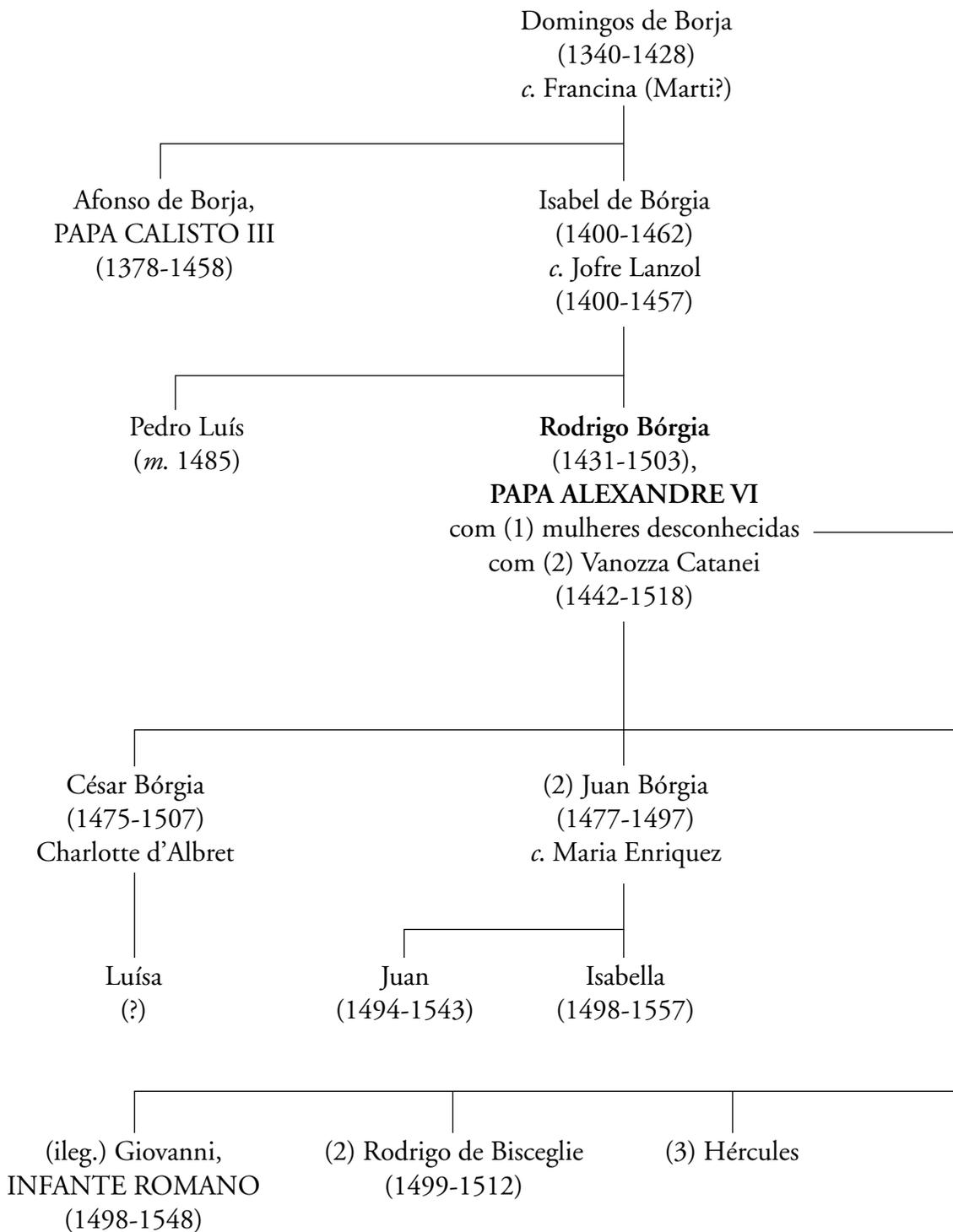
PARA JANE JOHNSON,

PELA OPORTUNIDADE

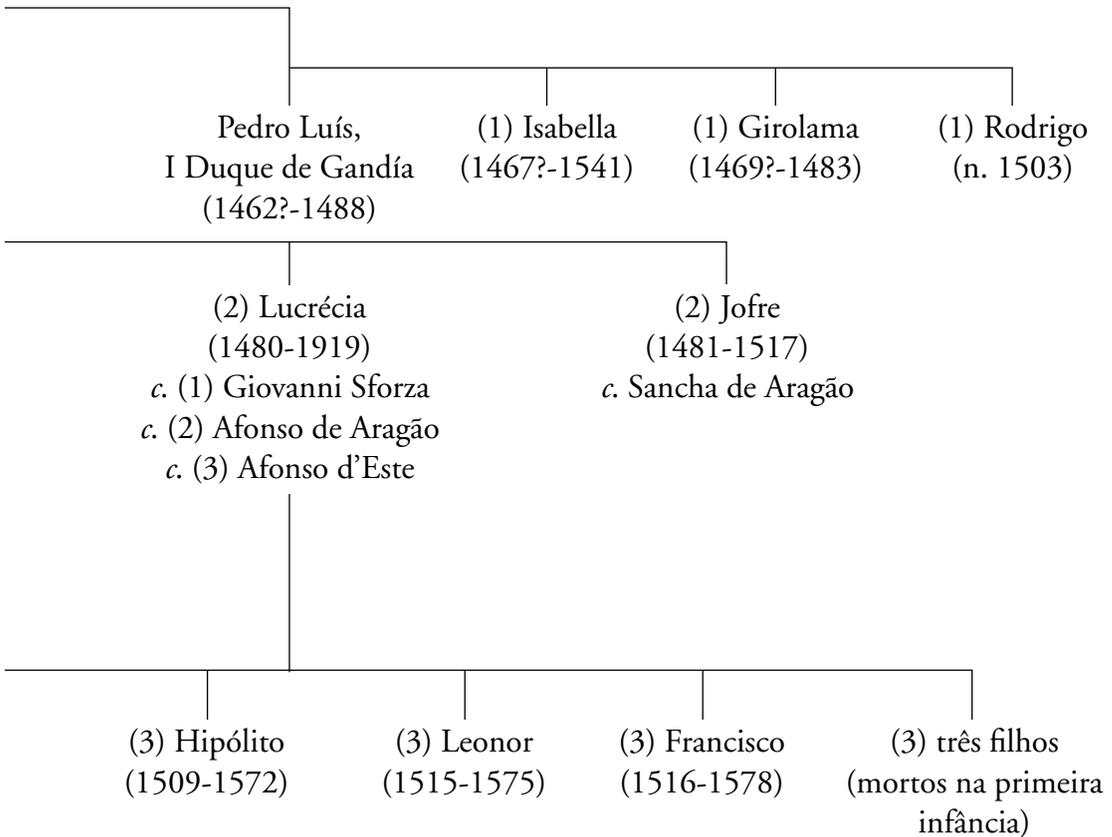


# A CASA DE ARAGÃO

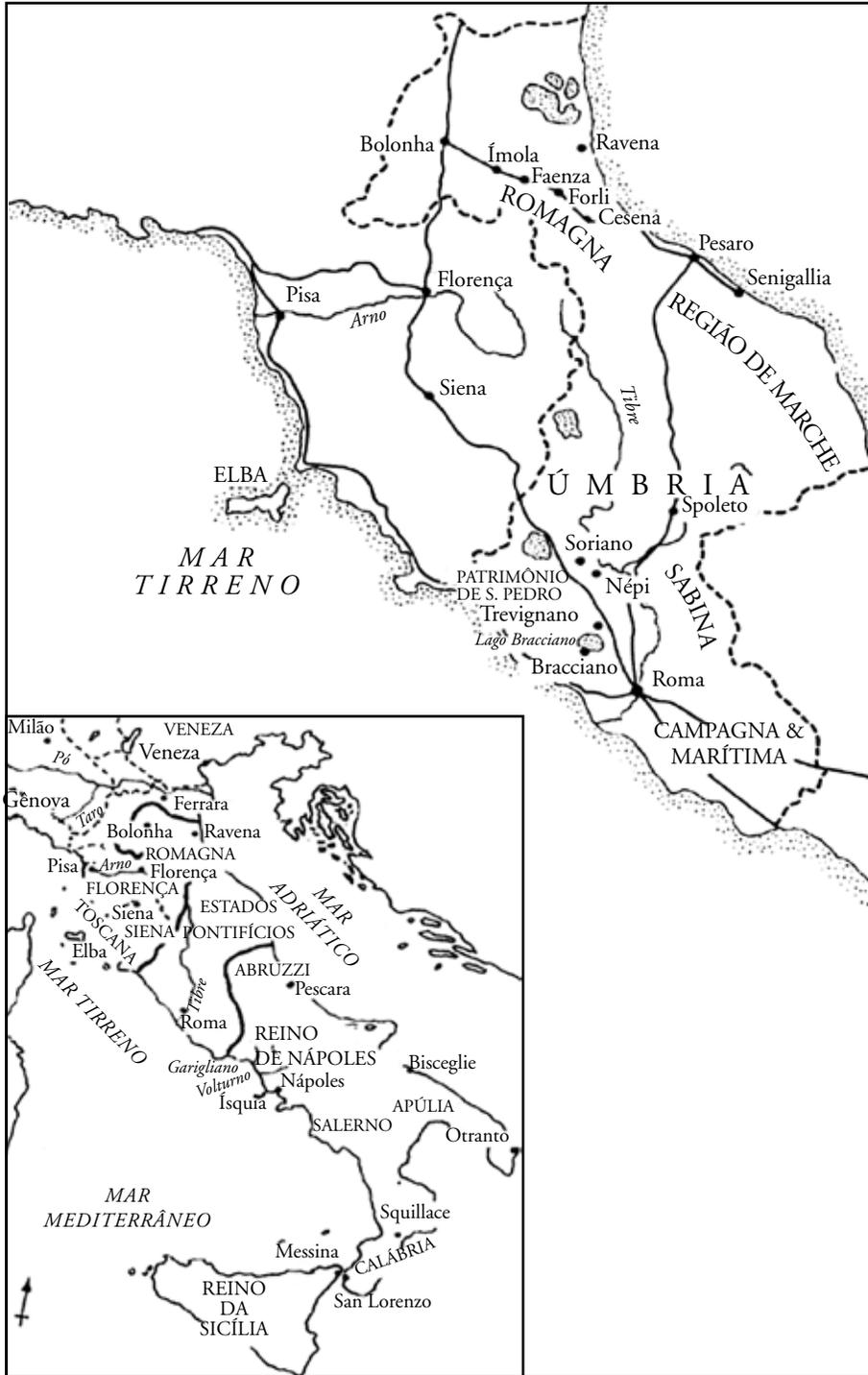




# A CASA DOS BÓRGIA









# PRÓLOGO

**C***anterella*, é assim que o chamam: um pó venenoso tão letal que seu mero borrifo é capaz de matar um homem, derrubá-lo em questão de dias. Os efeitos são apavorantes. A cabeça dói como se estivesse presa num torno, a visão se embota, o corpo treme de febre. A evacuação libera um fluxo ensangüentado e as vísceras se apertam numa agonia que faz a vítima uivar.

Dizem os boatos que só os Bórgia conhecem seu segredo: como prepará-lo, guardá-lo e administrá-lo, para esconder seu sabor. Rodrigo Bórgia — ou, melhor dizendo, Sua Santidade, o Papa Alexandre VI — aprendeu o segredo com sua amante favorita, Vanozza Catanei, a dos cabelos de fogo, quando ainda era cardeal. O irmão mais velho de Rodrigo, Pedro Luís, sem dúvida teria sido eleito papa... não fosse pela administração sutil e oportuna da *canterella*.

Sendo pais generosos, Rodrigo e Vanozza compartilharam a receita com sua prole — ou, no mínimo, com sua filha de meigas feições, Lucrecia. Quem melhor do que ela para tranquilizar os ariscos e levá-los ao descuido, com seu sorriso recatado e sua voz suave? Quem melhor, para assassinar e trair, do que ela, saudada como a maior inocente de Roma?

A “febre dos Bórgia” dizimou Roma como uma peste, reduzindo a tal ponto as fileiras dos prelados, que todo cardeal possuidor de terras e

alguma riqueza vive aterrorizado. Afinal, quando um cardeal morre, sua fortuna passa imediatamente para a Igreja.

E é preciso muita riqueza para financiar as guerras. Muita riqueza para reunir um exército grande o bastante para tomar todas as cidades-Estado da Itália, e para que alguém se declare líder não apenas das coisas espirituais, mas também das seculares. Esse papa e seu filho bastardo, César, querem mais do que o Paraíso; estão dispostos a ficar também com a Terra.

Entrementes, sento-me no Castelo Sant'Angelo com as outras mulheres. Da janela de meu quarto, vejo o Vaticano aqui perto, os apartamentos papais e o Palazzo Santa Maria, onde um dia morei com meu marido. Deixam-me passear pelos jardins e me tratam com cortesia, porém já não tenho *status* e sou mantida sob vigilância, uma prisioneira. Amaldição o dia em que primeiro ouvi o sobrenome Bórgia; rezo pelo dia em que ouvirei tocarem os sinos pela morte do velho.

Mas a liberdade virá. Neste exato momento, seguro o frasco contra o brilhante sol romano, que inunda o aposento que me foi generosamente designado. O recipiente é de vidro veneziano, cor de esmeralda, e brilha como uma pedra preciosa: o pó dentro dele é de um cinza-azulado pardacento, opaco.

*Canterella, sussurro. Linda, linda canterella, salva-me...*

# Outono de 1488



# I

Sou Sancha de Aragão, filha natural do homem que se tornou Afonso II, rei de Nápoles, durante um ano e um dia. Tal como os Bórgia, meu povo veio para a península italiana pela Espanha, e, tal como eles, eu falava espanhol em casa e italiano em público.

Minha mais vívida lembrança infantil formou-se no fim de meu décimo primeiro verão, no dia 19 de setembro do ano da graça de 1488. Era Dia de São Januário, o padroeiro de Nápoles. Meu avô, o rei Fernando I, escolhera essa data particular para comemorar o trigésimo aniversário de sua ascensão ao trono napolitano.

Normalmente, nós, da realeza, não comparecíamos à cerimônia realizada no grande Duomo de São Januário, a catedral construída em sua homenagem. Preferíamos celebrar no conforto da Chiesa Santa Bárbara, a igreja encerrada nos magníficos jardins murados do palácio real, o Castel Nuovo. Naquele ano, porém, meu avô julgou político comparecer à cerimônia popular, dado o aniversário. Assim, nosso grande cortejo entrou em procissão no Duomo, observado a certa distância pelas *zie* — as tias — *di San Gennaro*, as carpideiras vestidas de negro que imploravam ao santo que protegesse e abençoasse Nápoles.

Nápoles precisava de bênçãos. Fora palco de muitas guerras; minha família, pertencente à nobreza aragonesa, havia conquistado a cidade

numa batalha sangrenta fazia apenas 46 anos. Embora meu avô tivesse recebido pacificamente o trono de seu pai, o reverenciado Afonso, o Magnânimo, Afonso arrancara Nápoles com violência dos angevinos, que apoiavam o francês Carlos de Anjou. O rei Afonso fora amado por haver reconstruído a cidade, erigido grandiosos palácios e *piazzas*, reforçado as muralhas e reabastecido a biblioteca real. Meu avô era menos querido. Interessava-se mais por manter um controle rigoroso dos nobres locais em cujas veias corria sangue angevino. Passara anos em guerrinhas com diferentes barões e nunca chegara a confiar em seu próprio povo. Em troca, o povo nunca confiou nele.

Nápoles também fora palco de terremotos, inclusive um a que assistira o poeta Petrarca, em 1343, que arrasara meia cidade e afundara todos os navios no porto, normalmente plácido. E havia também o monte Vesúvio, que ainda era propenso a erupções.

Por essas razões, fôramos fazer nossas súplicas a São Januário naquele dia e, com sorte, assistir a um milagre.

A procissão para o Duomo foi simplesmente magnífica. As mulheres e crianças da realeza entraram primeiro, escoltadas até a frente do santuário por guardas em trajes azuis e dourados, passando pelos plebeus de roupas negras, que se curvavam diante de nós qual trigo ao vento. A rainha de Fernando, a núbil Joana de Aragão, ia à nossa frente, seguida por minhas tias Beatriz e Leonor. Atrás delas ia minha meia-irmã Isabel, ainda solteira, a quem fora confiada a tarefa de cuidar de mim e de meu irmão de 8 anos, Afonso, assim como da filha caçula de Fernando, minha tia Giovanna, nascida no mesmo ano que eu.

As mulheres mais velhas usavam o traje tradicional das nobres napolitanas: longos vestidos negros de saia rodada, corpetes firmemente apertados sobre os espartilhos e mangas estreitas nos ombros, que depois desabrochavam até a largura de sinos nos pulsos, de tal modo que desciam em drapeados até bem abaixo dos quadris. A nós, crianças, as cores eram permitidas: eu usava um vestido longo de seda verde viva, com um corpete de brocado bem amarrado sobre os seios ausentes. De meu pescoço pendiam pérolas marinhas e um pequeno crucifixo de ouro; sobre a cabeça eu levava um diáfano véu preto. Afonso usava túnica e calções de veludo azul pálido.

Meu irmão e eu caminhávamos de mãos dadas logo atrás de minha meia-irmã, tomando cuidado para não tropeçar em sua saia volumosa.

Eu fazia o máximo para parecer orgulhosa e segura, restringindo o olhar às costas do vestido de Isabel, enquanto meu irmão fitava livremente a assembléia. Permiti-me uma olhadela de esguelha para as grandes rachaduras de um arco entre duas altas colunas de mármore; acima dele, uma pintura redonda de São Domingos dividira-se em duas. Logo abaixo havia um andaime, que marcava os últimos reparos de um terremoto que havia devastado o Duomo, dois anos antes de Fernando subir ao trono.

Eu me sentia desapontada por ter ficado aos cuidados de Isabel, e não de minha mãe. Meu pai costumava convidar minha mãe, a sra. Trusia Gazullo, uma extasiante nobre de cabelos dourados, para todas as cerimônias. Deleitava-se particularmente com a companhia dela. Creio que meu pai era incapaz de amar, mas decerto teria chegado bem perto disso nos doces braços de mamãe.

O rei Fernando, contudo, havia considerado impróprio levar para o interior de uma igreja a amante de meu pai, como parte do cortejo real. Com igual vigor, meu avô insistira em que meu irmão Afonso e eu comparecêsemos. Éramos crianças, não podíamos ser responsabilizados pelo acidente de nossa ascendência. Afinal, o próprio Fernando era filho ilegítimo.

Por essa razão, meu irmão e eu fomos criados como filhos da realeza, com todos os direitos e privilégios, no Castel Nuovo, o palácio do rei. Mamãe tinha liberdade de ir e vir conforme os desejos de meu pai e, muitas vezes, permanecia no palácio com ele. Apenas alguns lembretes sutis de nossos meio-irmãos, e outros mais contundentes de nosso pai, recordavam-nos que éramos criaturas inferiores. Eu não brincava com os filhos legítimos de papai, que eram muitos anos mais velhos, nem com minha tia Giovanna ou meu tio Carlos, ambos próximos da minha idade. Por outro lado, meu irmãozinho Afonso e eu éramos companheiros inseparáveis. Embora fosse xará de meu pai, ele era o inverso deste: louras madeixas encaracoladas, rosto meigo, bem-humorado e uma inteligência aguçada, singularmente isenta de malícia. Tinha os olhos azuis claros da sra. Trusia, enquanto eu tinha uma semelhança tão notável com nosso pai que, se fosse um filho varão, seríamos gêmeos separados por uma geração.

Isabel conduziu-nos para uma nave na frente do santuário, que tinha sido isolada por um cordão; mesmo depois de nos acomodarmos

em nosso lugar no Duomo, meu irmão e eu continuamos de mãos dadas. A imensa catedral nos apequenava. Lá no alto, a uma distância de vários Paraísos, ficava a maciça cúpula dourada, deslumbrante sob o sol que se infiltrava em réstias pelas janelas em arco.

Logo depois vinham os homens da realeza. Meu pai — Afonso, duque da Calábria, aquela rústica região esparramada bem ao sul, no litoral leste — liderava a procissão. Herdeiro do trono, era famoso por sua ferocidade na batalha; na mocidade, arrancara dos turcos o estreito de Otranto, numa vitória que lhe trouxera a glória, se não o amor do povo. Cada movimento seu, cada olhar e gesto, era imperioso e intimidativo, efeito este que era acentuado por seu severo traje carmesim e negro. Ele era mais belo que qualquer das mulheres presentes, com um nariz perfeitamente reto e as maçãs do rosto altas, inclinadas para cima. Seus lábios eram vermelhos, cheios e sensuais sob o bigode fino, e os olhos azuis escuros, grandes e marcantes, eram encimados por uma coroa de reluzentes cabelos negros.

Só uma coisa maculava sua beleza: a frieza da expressão e dos olhos. Sua mulher, Hipólita Sforza, morrera quatro anos antes; os criados e nossas parentas murmuravam que ela havia desistido da vida para escapar à crueldade do marido. Eu tinha dela a vaga lembrança de uma mulher frágil, de olhos protuberantes, uma mulher infeliz; meu pai não se cansava de lhe recordar suas falhas nem o fato de que eles tinham feito um casamento de conveniência, porque ela vinha de uma das famílias mais antigas e poderosas da Itália. Ele também garantia à pobre Hipólita que sentia muito mais prazer nos braços de mamãe que nos dela.

Observei-o passar adiante de nós, mulheres e crianças, formando uma fileira bem em frente ao altar, num dos lados do trono vazio que aguardava a chegada de seu pai, o rei.

Atrás dele vinham meus tios, Frederico e Francisco. Depois, o filho primogênito de papai, que recebera o nome do avô, mas era afetuosamente chamado de Ferrandino, o “pequeno Fernando”. Estava com 19 anos, era o segundo na linha sucessória e o segundo homem mais bonito de Nápoles, porém era o mais atraente, pois tinha um temperamento caloroso e expansivo. Quando passou pelos fiéis, ecoaram suspiros femininos às suas costas. A ele se seguiu seu irmão mais novo, Pedro, que tinha o infortúnio de se parecer com a mãe.

O rei Fernando I foi o último a entrar, usando calções e manto de veludo negro, e uma túnica de brocado prateado, rebordada em delicados fios de ouro. Na cinta, embainhada, levava a espada cravejada de pedras que havia recebido na coroação. Embora eu o conhecesse como um velho com uma claudicação exacerbada pela gota, nesse dia ele se deslocava com graça, sem a menor hesitação no andar. Sua beleza fora desgastada pela idade e pelo amor aos prazeres. Ele tinha o cabelo branco e ralo, revelando um couro cabeludo rosado pelo sol, e, sob a barba bem aparada, uma papada volumosa. As sobrancelhas eram escuras e espantosas, especialmente de perfil, pois cada fio de cabelo parecia tentar lançar-se numa direção diferente. Elas encimavam olhos notavelmente parecidos com os meus e os de meu pai — de um azul intenso, com toques de verde, e capazes de mudar de cor, dependendo da luz e dos matizes circundantes. O nariz de Fernando era vermelho, marcado por cicatrizes de varíola, e as bochechas, cobertas de veias partidas. Mas seu porte era ereto e ele ainda sabia calar uma multidão com sua simples entrada num aposento.

Sua expressão solene, ao entrar no Duomo de São Januário, reproduzia pura ferocidade. A multidão curvou-se ainda mais, de joelhos, e esperou que o rei se acomodasse num trono próximo ao altar.

Só então ela ousou levantar-se; só então o coro iniciou seus cânticos.

Espichei o pescoço e tive um vislumbre do altar, onde um busto de São Januário feito de prata, usando sua mitra episcopal, fora colocado em frente aos círios acesos. Logo adiante havia uma estátua de mármore, de tamanho um pouco maior que o natural, exibindo Januário com todas as suas insígnias, dois dedos de uma das mãos erguidos numa bênção e um báculo apoiado na dobra do braço.

Uma vez acomodado o rei e silenciado o coro, o bispo de Nápoles surgiu e pronunciou a invocação; depois apareceu seu ajudante, carregando um relicário de prata sob a forma de lanterna. Atrás do vidro havia alguma coisa pequena e escura; eu não podia ver com clareza, do lugar em que estava, por ser muito baixa — tinha a visão bloqueada pelas costas de minhas tias, vestidas de seda negra, e pelos mantos de veludo dos homens —, mas espiei por entre as brechas. Sabia tratar-se de um frasco que continha o sangue seco de São Januário, martirizado, torturado e brutalmente decapitado por ordem do imperador Diocleciano, há mais de mil anos.

Nosso bispo e o padre oraram. As *zie di San Gennaro* soltaram gemidos sonoros, fazendo súplicas ao santo. Cuidadosamente, sem tocar no vidro, o padre virou o relicário de cabeça para baixo, uma vez, depois duas.

Pareceu passar-se uma eternidade. A meu lado, Isabel havia baixado a cabeça e fechado os olhos, movendo os lábios numa prece silenciosa. Do meu outro lado, o pequeno Afonso baixara a cabeça solenemente, mas, por baixo dos caracóis dos cabelos, espiava o padre, fascinado.

Eu acreditava fervorosamente no poder de Deus e dos santos de interferir nos assuntos humanos. Considerando mais seguro seguir o exemplo de Isabel, baixei a cabeça, fechei os olhos bem apertados e murmurei uma oração ao santo padroeiro de Nápoles: *Abençoi nossa amada cidade e guardai-a em segurança. Protegei o rei, meu pai, minha mãe e Afonso. Amém.*

Um murmúrio de assombro percorreu a multidão. Tive um vislumbre do altar, do padre exibindo orgulhosamente o relicário de prata, erguendo-o para o exame da multidão. *“Il miracolo e fatto”*, proclamou.

O milagre se fez.

O coro conduziu a congregação no cântico do *Te Deum*, dando graças a Deus por nos conceder aquela bênção.

De onde me encontrava, eu não podia ver o que tinha acontecido, mas Isabel segredou em meu ouvido: a substância escura e seca no frasco havia começado a derreter, depois borbulhar, e o antigo sangue se liquefizera mais uma vez. São Januário indicava ter ouvido nossas preces e estar satisfeito; protegeria a cidade à qual servira como bispo durante seus anos mortais.

Era um bom augúrio, murmurou ela, especialmente para o rei em seu aniversário. São Januário o protegeria de todos os inimigos.

O bispo atual de Nápoles pegou o relicário com o padre e desceu do altar até o trono. Ergueu a caixa quadrada de prata e vidro diante do rei Fernando e esperou que o monarca se erguesse e se aproximasse.

Meu avô não se levantou nem se ajoelhou na presença de tamanha maravilha. Continuou instalado em seu trono, forçando o bispo a levar o relicário até ele. Só então Fernando curvou-se a um antigo costume e encostou os lábios no vidro, sob o qual se achava o sangue sagrado.

O bispo retornou ao altar. Em seguida, os homens da Casa Real de Aragão aproximaram-se um a um, meu pai à frente, e beijaram a santa

reliquia. Então os acompanhamos, as mulheres e crianças — eu e meu irmão ainda firmemente agarrados um ao outro pela mão. Encostei a boca no vidro, aquecido pela respiração de meus parentes, e fitei o líquido escuro lá dentro. Tinha ouvido falar de milagres, mas nunca vira nenhum; estava admirada.

Fiquei ao lado de Afonso quando chegou sua vez; depois, retornamos a nossos lugares reservados.

O bispo devolveu o relicário ao padre e fez o sinal da cruz, com dois dedos da mão direita cortando o ar, primeiro sobre meu avô, depois sobre a família real reunida.

O coro irrompeu num cântico. O velho rei ergueu-se, meio enrijecido. Os guardas saíram de sua posição ao redor do trono e o precederam na saída da igreja, até onde as carruagens esperavam. Como sempre, seguimos atrás.

O costume exigia que toda a congregação, inclusive os membros da realeza, permanecesse em seus lugares durante a cerimônia, enquanto cada membro se adiantava para beijar a relíquia — mas Fernando era impaciente demais para esperar pelos plebeus.

Voltamos diretamente para o Castel Nuovo, aquela massa trapezóide de tijolos cor de lama, construída duzentos anos antes por Carlos de Anjou para lhe servir de palácio. Primeiro ele mandara retirar os restos dilapidados de um convento franciscano dedicado à Virgem Maria. Carlos valorizava mais a proteção do que a elegância: cada quina do castelo, que ele chamava de *Maschio Angiono*, o Guardião Angevino, fora reforçada por uma vasta torre cilíndrica, cujos merlões denteados projetavam-se contra o céu.

O castelo erguia-se diretamente junto à baía, tão perto da água que, quando menina, era comum eu esticar o braço por uma janela e imaginar que acariciava o oceano. Naquela manhã, uma brisa se elevava do mar e, enquanto eu seguia na carruagem aberta entre Afonso e Isabel, inalei com prazer a maresia. Era impossível morar em Nápoles e não avistar constantemente a água, não passar a amá-la. Os antigos gregos haviam chamado a cidade de Parténope, em homenagem à antiga sereia, meio mulher, meio pássaro, que se atirara ao mar em razão de seu amor não correspondido por Odisseu. De acordo com a lenda, ela fora lançada

às praias de Nápoles; ainda menina, eu já sabia que não tinha sido por amor a um homem que ela fora atraída para as águas.

Tirei o véu para melhor desfrutar da brisa. Para ter uma visão melhor — do côncavo crescente lunar da linha costeira, com o violeta escuro do Vesúvio à direita e a ovalada fortaleza do Castel dell'Ovo logo à esquerda —, pus-me de pé na carruagem e virei o corpo. Isabel fez-me tornar a sentar no mesmo instante, com um forte puxão, embora sua expressão se mantivesse composta e régia, a bem da plebe.

Nossa carruagem passou com estrondo pelo portão principal do castelo, ladeado pela Torre da Guarda e pela Torre Média. As duas eram ligadas pelo Arco Triunfal de Afonso, o Magnífico, erigido em mármore branco por meu bisavô para comemorar sua entrada vitoriosa em Nápoles, como novo governante da cidade. O arco marcara a primeira das muitas reformas feitas por Afonso no palácio decrépito e, uma vez instalado, o rei rebatizara sua nova residência de Castel Nuovo.

Passei sob o mais baixo dos dois arcos e olhei, lá em cima, para o baixo-relevo de Afonso em sua carruagem, acompanhado pelos nobres que o saudavam. Muito mais acima, com a mão estendendo-se para além das torres, uma exuberante estátua de Afonso, em tamanho maior que o natural, gesticulava para o céu. Eu também me sentia exuberante. Estava em Nápoles, com o sol, o mar e meu irmão, e me sentia feliz.

Não podia imaginar que algum dia essa alegria me pudesse ser roubada.

Uma vez no pátio interno e com o grande portão fechado, descemos das carruagens e entramos no Grande Salão. Ali, a mesa mais comprida do mundo exibia um banquete: travessas com azeitonas e frutas, pães de toda sorte, dois javalis assados, com as bocas escancaradas por laranjas, aves assadas e recheadas, e ainda frutos do mar, que incluíam suculentos lagostins. Havia também muito vinho — o *Lachrima Christi*, ou lágrima de Cristo, feito de uvas Greco cultivadas nas férteis encostas do Vesúvio. Afonso e eu tomávamos o nosso diluído com água. O Salão estava enfeitado com todas as variedades de flores; as vastas colunas de mármore tinham sido envoltas em festões de brocado dourado, debruados de veludo azul, aos quais se prendiam guirlandas de rosas cor de sangue.

Lá estava nossa mãe, a sra. Trusia, para nos saudar; corremos em sua direção. O velho Fernando gostava dela, e não se importava nem um pouco com o fato de ela ter dado dois filhos a meu pai sem o benefício dos laços matrimoniais. Como sempre, ela cumprimentou cada um de nós com um beijo leve nos lábios e um abraço caloroso; para mim, era a mais encantadora das mulheres presentes. Ela resplandia, qual uma inocente deusa de cabelos dourados em meio a um bando de corvos intrigantes. Tal como seu filho, era de uma bondade simples e passava os dias inquietando-se não com as vantagens políticas que pudesse obter, mas com o amor e o consolo que pudesse dar. Sentou-se entre mim e Afonso, com Isabel à minha direita.

Fernando presidiu o banquete à cabeceira da mesa. Atrás dele, ao longe, erguia-se um grande arco que levava a sua sala do trono, depois a seus aposentos particulares. Sobre o arco pendia uma enorme tapeçaria com as insígnias reais de Nápoles, lírios dourados contra um fundo azul escuro — um legado dos tempos de dominação angevina, sob a forma de uma *fleur-de-lis*.

Esse arco exercia um fascínio especial sobre mim nesse dia; esse arco seria minha passagem para o descobrimento.

Encerrado o banquete, trouxeram os músicos e começou a dança, à qual o rei assistiu de um trono. Sem nos dar sequer um olhar de soslaio, meu pai pegou minha mãe pela mão e a levou para dançar. Aproveitei a diversão para escapar do olhar semi-atento de Isabel e fazer uma confissão a meu irmão.

— Vou procurar os mortos de Fernando — disse-lhe. Pretendia entrar nos aposentos privados do rei sem sua permissão, o que era uma violação imperdoável do protocolo, mesmo para um membro da família. Praticada por um estranho, constituiria um ato de traição.

Por cima da taça, os olhos de Afonso se arregalaram.

— Não, Sancha. Se a apanharem... é impossível dizer o que papai fará.

Mas fazia dias que eu lutava com uma curiosidade insuportável, e já não conseguia reprimi-la. Ouvira uma das criadas dizer a D. Esmeralda, minha babá e colecionadora voraz de mexericos, que era verdade: o velho tinha uma “câmara dos mortos” secreta, a qual visitava regularmente. A tal criada recebera ordens de tirar o pó dos cadáveres e varrer o chão. Até aquele momento, como o resto de minha família, eu havia acreditado que isso era um boato, fomentado pelos inimigos de meu avô.

Eu era conhecida por minha ousadia. Ao contrário de meu irmão menor, que só queria agradar aos mais velhos, havia cometido numerosos crimes infantis. Trepara em árvores para espiar parentes no ato nupcial — uma vez, durante a consumação de um matrimônio nobiliárquico à qual assistiram o rei e o bispo, ambos os quais me viram olhando pela janela. Eu havia guardado sapos em meu corpete, às escondidas, e os soltara na mesa durante um banquete régio. E, como represália por um castigo anterior, tinha roubado da cozinha um jarro de azeite e esvaziara o conteúdo à porta do quarto de dormir de meu pai. O que havia preocupado meus pais não fora tanto o azeite, mas o fato de, aos 10 anos de idade, eu ter usado minha melhor jóia para subornar o guarda de plantão e fazê-lo ir embora.

Eu era sempre repreendida e confinada ao quarto das crianças, por períodos que variavam de acordo com a audácia do malfeito. Não me importava. Afonso se dispunha a ficar preso comigo, para me consolar e me distrair. Saber disso tornava-me incorrigível. A corpulenta D. Esmeralda, embora fosse uma criada, não me temia nem me respeitava. Não se impressionava com a realeza. Apesar de ter sangue plebeu, seu pai e sua mãe haviam trabalhado na casa de Afonso, o Magnânimo, e depois, na de Fernando I. Antes de eu nascer, ela havia cuidado de meu pai.

Na época, ela estava em meio à sua quarta década de vida, uma figura imponente: ossos grandes, pesada, de quadris e queixo largos. Seu cabelo preto e lustroso, com largas tiras grisalhas, era firmemente puxado para trás sob um véu escuro; ela usava as roupas negras do luto perpétuo, embora seu marido tivesse morrido há quase um quarto de século, quando jovem soldado do exército de Fernando. Depois disso, D. Esmeralda tornara-se devotamente religiosa; um crucifixo de ouro descansava sobre seus seios fartos.

Nunca tivera filhos. E, apesar de nunca se haver afeiçoado a meu pai — na verdade, mal conseguia esconder seu desprezo por ele —, Esmeralda se portara, quando Trusia me trouxera ao mundo, como se eu fosse sua própria filha.

Conquanto gostasse de mim e fizesse o melhor possível para me proteger, meu comportamento estava sempre a lhe provocar censuras. Ela espremia os olhos, com os lábios repuxados para baixo em sinal de reprovação, e sacudia a cabeça. “Por que você não pode comportar-se como seu irmão?”

Essa pergunta nunca me ofendia; eu amava meu irmão. Na verdade, desejava ser mais parecida com ele e com mamãe, mas não podia reprimir quem eu era. E então Esmeralda fazia a declaração que feria fundo:

— Você é ruim como era seu pai nessa idade...

No grande salão de jantar, retribuí o olhar de meu irmãozinho e disse:

— Papai nunca saberá. Olhe para eles... — e fiz um gesto apontando os adultos, que riam e dançavam. — Ninguém notará que saí.

Fiz uma pausa e indaguei:

— Como é que você *agüenta*, Afonso? Não tem vontade de saber se é verdade?

— Não — respondeu ele, em tom sóbrio.

— Por que não?

— Porque talvez seja.

Só depois compreendi o que ele queria dizer. Mas, naquele momento, dei-lhe um olhar de frustração e, com um volteio de minha saia verde, virei-lhe as costas e abri caminho por entre a aglomeração.

Sem ser vista, escapuli por baixo do arco e de sua grandiosa tapeçaria em ouro e azul. Acreditava ser a única a ter escapado da festa; estava enganada.

Para minha surpresa, a imensa porta da sala do trono estava entreaberta, como se alguém houvesse pretendido fechá-la, mas não tivesse conseguido fazê-lo direito. Sem fazer barulho, abri-a apenas o suficiente para permitir minha entrada e a fechei atrás de mim.

A sala estava deserta, uma vez que os guardas cuidavam daqueles que tinham sob sua responsabilidade no Grande Salão. Apesar de não ter dimensões tão imponentes quanto as do Salão, o aposento inspirava respeito: encostado à parede central ficava o trono de Fernando, uma estrutura de madeira escura entalhada com floreios, estofada em veludo carmesim e apoiada sobre um pequeno estrado com dois degraus. Acima dele, um toldo exibia a insígnia napolitana dos lírios e, de ambos os lados, as janelas em arco, que iam do piso ao teto, emolduravam uma vista gloriosa da baía. A luz do sol entrava pelas janelas sem venezianas, refletindo-se no piso de mármore branco e nas paredes caiadas, o que produzia um efeito deslumbrante e etéreo.

Parecia um lugar aberto demais, claro demais para guardar qualquer segredo. Detive-me ali por um instante, examinando o ambiente, enquanto cresciam minha empolgação e meu pavor. Estava com medo — mas, como sempre, minha curiosidade o suplantou.

Fitei a porta que levava aos aposentos privados de meu avô.

Só havia entrado neles uma vez, anos antes, quando Fernando tivera uma febre perigosa. Convencidos de que ele estava à morte, seus médicos haviam convocado a família para se despedir. Eu nem sequer tinha certeza de que o rei se lembraria de mim, mas ele pusera a mão em minha cabeça e me brindara com um sorriso.

Eu havia ficado perplexa. Durante minha vida inteira, ele sempre cumprimentara a mim e a meu irmão com indiferença e, em seguida, virara a cabeça, com um olhar distante, preocupado com assuntos de maior monta. Fernando não era dado a atividades sociais, mas eu o havia apanhado, em momentos intrigantes, observando os filhos e netos com um olhar perspicaz, julgando, avaliando, sem perder nenhum detalhe. Seus modos não eram cruéis nem grosseiros, mas distraídos. Quando ele falava, mesmo durante o mais social dos eventos familiares, costumava ser com meu pai e, mesmo assim, apenas sobre assuntos políticos. Seu casamento tardio com Joana de Aragão, sua terceira esposa, fora feito por amor — ele já não precisava promover suas vantagens políticas nem gerar mais herdeiros. Mas fazia muito tempo que sua lascívia se fora; o rei e a rainha moviam-se em círculos separados e só se falavam quando a ocasião o exigia.

Quando, acamado e supostamente agonizante, ele pusera a mão em minha cabeça e sorria, eu havia decidido que Fernando I era bom.

Na sala do trono, respirei fundo para ganhar coragem e andei depressa em direção aos aposentos privados de Fernando. Não esperava encontrar nenhum morto; meu pavor vinha das conseqüências de meus atos, se eu fosse apanhada.

Do outro lado da pesada porta da sala do trono, o som dos convivas em festa e da música tornou-se mais tênue; sozinha, eu ouvia o farfalhar de minhas saias de seda no mármore.

Com hesitação, abri a porta que levava à câmara mais externa do rei. Reconheci o aposento, pois havia passado por ali na ocasião da doença de Fernando. Era um gabinete com quatro cadeiras, uma escrivaninha grande, muitos candelabros de parede para iluminar as horas tardias da noite e um mapa de Nápoles e dos Estados Pontifícios na parede. Havia também um retrato de meu bisavô Afonso, usando a espada cravejada de pedras preciosas que trouxera da Espanha, e que Fernando tinha usado mais cedo no Duomo.

Audaciosa, fiz pressão nas paredes, pensando em compartimentos ou passagens ocultos; vasculhei o piso de mármore, à procura de rachaduras que insinuassem a presença de escadas descendo para calabouços, mas não encontrei nada.

Segui em frente, cruzando um arco em direção a um segundo aposento, mobiliado para as refeições particulares; também ali não havia nada digno de nota.

Restava apenas o quarto de Fernando, vedado por uma porta pesada. Reprimindo todas as idéias de captura e punição, abri-a com atrevimento e entrei no mais interno e particular dos aposentos reais.

Ao contrário dos outros cômodos, luminosos e alegres, esse era opressivo e sombrio. As janelas eram cobertas por cortinas de veludo verde-escuro, que apagavam o sol e o ar. Uma grande colcha no mesmo tom de verde cobria quase toda a cama, acompanhada por numerosos cobertores de pele; aparentemente, Fernando sofria com a friagem.

O cômodo tinha bem poucos adornos, considerando-se a posição de seu residente. Os únicos sinais de grandeza eram um busto de ouro do rei Afonso sobre o consolo da lareira e candelabros de ouro dos dois lados da cama.

Meu olhar foi atraído por uma parede interna, onde outra porta estava escancarada. Além dela ficava um pequeno nicho sem janelas, mobiliado com um altar de madeira, velas, um rosário, uma estatueta de São Januário e um banco de igreja acolchoado.

Ao final daquela câmara minúscula, porém, depois do altar humilde, havia um outro portal — este, fechado. Levava mais para o interior e tinha as bordas iluminadas por uma luz tênue, bruxuleante.

Senti uma mistura de empolgação e medo. Teria a criada dito a verdade, afinal? Eu já vira a morte. A família real extensa tinha sofrido perdas, e eu havia desfilado ao lado dos corpos pálidos e rijos de bebês, crianças e adultos. Mas a idéia do que poderia estar atrás daquela porta interna punha minha imaginação à prova. Será que eu encontraria esqueletos empilhados? Montes de carne em decomposição? Fileiras de caixões?

Ou teria a confissão da criada a minha babá brotado de um desejo de manter viva a boataria?

Minha expectativa intensificou-se, atingindo níveis quase insuportáveis. Passei depressa pela salinha estreita do altar e pus os dedos trêmu-

los sobre o trinco de bronze que levava ao desconhecido. Ao contrário de todas as outras portas, que tinham dez vezes minha largura de menina e quatro vezes minha altura, esta mal tinha tamanho suficiente para permitir a passagem de um homem. Abri-a.

Só mesmo a fria arrogância conferida pelo sangue de meu pai permitiu que eu reprimisse um grito de horror.

Amortalhada em sombras, a câmara não revelava suas verdadeiras dimensões. Para meus olhos infantis, afigurou-se vasta, sem limites, o que se devia, em parte, ao tom escuro da pedra não polida. Apenas três círios iluminavam as paredes sem janelas, um a uma pequena distância de mim, e dois nos grandes candelabros de ferro que ladeavam a entrada.

Logo adiante deles, com o rosto iluminado pelo brilho dourado e oscilante das velas, postava-se um anfitrião a me dar as boas-vindas. Melhor dizendo, não estava de pé, mas apoiado numa viga vertical que em pouco ultrapassava a coroa de sua cabeça. Usava um manto azul, preso aos ombros de sua túnica dourada com medalhões de flor-de-lis. No peito e nos quadris, cordas o atavam com firmeza a seu apoio. Um arame preso a um de seus braços o mantinha elevado, afastado do corpo e dobrado no cotovelo, com a palma ligeiramente voltada para cima, num gesto de quem chama.

*Entre, Majestade.*

Sua pele parecia um pergaminho castanho laqueado, brilhando sob a luz. Tinha sido esticada sobre as maçãs do rosto, desvelando os dentes marrons num sorriso horripilante. O cabelo, que talvez tivesse sido exuberante em vida, consistia num punhado de mechas opacas, castanho-avermelhadas, que pendiam de um couro cabeludo enrugado. E os olhos...

Ah, os olhos dele. Alguém havia permitido que suas outras feições se encolhessem de forma chocante. Os lábios tinham desaparecido por completo, as orelhas tinham-se tornado pequenas abas espessas, grudadas a seu crânio. O nariz, que tinha a largura da metade de meu dedo mindinho, perdera as narinas carnudas e terminava agora em dois buracos escancarados, que acentuavam sua aparência esquelética. Mas o desaparecimento dos olhos não fora tolerado; nas órbitas apoiavam-se dois globos bem encaixados e extremamente polidos de mármore branco, sobre os quais se tinham pintado cuidadosamente as íris verdes com pupilas negras. O mármore faiscava sob a luz, dando-me a sensação de estar sendo observada.

Engoli em seco, estremeci. Até aquele momento, eu tinha sido uma criança numa busca tola, achando que fazia uma brincadeira, vivia uma aventura. Mas não havia nenhuma empolgação naquela descoberta, nenhuma alegria precoce, nenhum deleite travesso — apenas o reconhecimento de que eu havia tropeçado em alguma coisa muito adulta e aterradora.

Aproximei-me da criatura à minha frente, na esperança de estar vendo algo falso, que nunca tivesse sido humano. Encostei um dedo hesitante em sua coxa, coberta pelo calção de cetim, e apalpei o couro curtido sobre o osso. As pernas terminavam em panturrilhas finas, envolvidas por meias, e em delicados chinelos com borlas que não tinham peso.

Afastei a mão, convencida.

*Como é que você agüenta, Afonso? Não tem vontade de saber se é verdade? Não. Porque talvez seja.*

Que sensatez a do meu irmãozinho! Mais do que tudo, eu desejava esquecer o que acabara de descobrir. Tudo em que eu havia acreditado sobre meu avô modificou-se nesse momento. Eu o tinha julgado um velho bondoso, severo, mas que era forçado a sê-lo pelo fardo de governar. Acreditara que os barões que se rebelavam contra ele eram homens maus, amantes da violência sem nenhuma razão, excetuado o fato de serem franceses. Havia acreditado que os criados que diziam que Fernando era desprezado não passavam de mentirosos. Eu entreouvira a camareira de Fernando segredar a D. Esmeralda que o rei estava enlouquecendo, e tinha zombado disso.

Confrontada com uma monstruosidade impensável, nesse momento eu já não ria. Estremeci, não pela visão aterradora à minha frente, mas por me dar conta de que o sangue de Fernando corria em minhas veias.

Segui aos tropeços pela penumbra, passando pela sentinela da câmara, e vi, talvez, outros dez corpos nas sombras, todos escorados de pé e amarrados, com olhos de mármore e imóveis. Todos, menos um.

À distância de uns seis cadáveres, uma figura com uma vela acesa virou-se para me olhar. Reconheci meu avô, com o rosto de barba branca empalidecido e espectral sob a luz bruxuleante.

— Sancha, não é? — disse ele, com um vago sorriso. — Ora, os dois aproveitamos a comemoração para fugir de toda aquela gente. Bem-vinda a meu museu dos mortos.

Esperei que ele se enfurecesse, mas sua postura foi a de quem saudava os convidados de uma festa íntima.

— Você se saiu bem — disse-me. — Nem um pio, e chegou até a tocar no velho Robert — comentou, inclinando a cabeça em direção ao cadáver mais próximo da entrada. — Muito corajosa. Seu pai era muito mais velho que você quando entrou neste lugar pela primeira vez; deu um grito e rompeu em lágrimas, feito uma menina.

— Quem são eles? — perguntei. Aquilo me repugnava, mas a curiosidade exigia que eu conhecesse toda a verdade.

Fernando I deu uma cusparada no chão.

— Angevinos — respondeu. — Inimigos. Aquele ali — e apontou para Robert — era conde, primo distante de Carlos de Anjou. Jurou que tomaria meu trono.

Meu avô soltou um risinho satisfeito.

— Você está vendo quem tomou o quê — disse, andando com passos rígidos até o antigo rival. — E então, Robert? Quem é que ri agora? — e fez um gesto para apontar a assembléia macabra, assumindo um tom subitamente acalorado. — Condes e marqueses, e até duques. Todos traidores. Todos ansiando por me ver morto.

Fez uma pausa para se acalmar e concluiu:

— Venho aqui quando preciso lembrar minhas vitórias. Lembrar a mim mesmo que sou mais forte que meus inimigos.

Olhei para os homens. O museu parecia ter sido montado ao longo de certo tempo. Alguns corpos ainda tinham cabeleiras fartas e barbas espessas; outros, como Robert, pareciam meio acabados. Mas todos usavam os trajes requintados que convinhavam a sua estirpe nobre, em sedas, brocados e veludos. Alguns traziam na cinta espadas com punhos de ouro; outros usavam mantos debruados de arminho e pedras preciosas. Um deles tinha um barrete de veludo preto com uma pluma branca de avestruz, inclinada num ângulo jocoso. Alguns estavam simplesmente de pé. Outros faziam poses variadas: um apoiava a mão fechada no quadril, outro segurava o punho da espada, um terceiro estendia a palma de uma das mãos, gesticulando para os companheiros.

Todos olhavam fixo para frente, com expressão vazia.

— Os olhos — disse eu. Era uma pergunta.

Fernando deu-me uma piscadela.

— É pena você ser mulher. Daria um bom rei. De todos os filhos dele, você é a que mais se parece com seu pai. É orgulhosa e inflexível,

muito mais do que ele. Mas, ao contrário dele, teria coragem de fazer o que fosse necessário pelo reino — suspirou. — Não é como aquele toleirão do Ferrandino. Tudo o que ele quer são moças bonitas para admirá-lo e uma cama macia. Não tem fibra nem cérebro.

— Os olhos — repeti. Eles me perturbavam; exibiam uma perversidade que me era forçoso compreender. Eu já ouvira o que meu avô tinha acabado de falar, palavras que não quisera ouvir. Queria distrair-me, esquecê-las. Queria não me parecer nem um pouco com o rei ou com meu pai.

— Coisinha persistente — fez ele. — Os olhos se desfazem quando o corpo é mumificado, não há como evitar. Os primeiros ficavam com as pálpebras fechadas sobre as órbitas vazias. Pareciam estar dormindo. Eu queria que me ouvissem quando eu falasse com eles. Queria poder vê-los escutando — e tornou a rir. — Além disso, assim era mais eficaz. Meu último “convidado”... como ele se apavorou ao ver seus compatriotas desaparecidos a fitá-lo!

Tentei compreender aquilo tudo, de minha perspectiva ingênua.

— Deus o fez rei. Portanto, se esses homens foram traidores, insurgiram-se contra Deus. Não foi pecado matá-los.

Meu comentário provocou-lhe repulsa.

— Pecado não existe! — exclamou. Fez uma pausa e assumiu um ar professoral. — Sancha, o milagre de São Januário... ele ocorre quase sempre em maio e setembro. Mas, quando o padre aparece com o relicário em dezembro, por que você acha que é tão comum o milagre falhar?

A pergunta me pegou de surpresa; eu não fazia a menor idéia da resposta.

— Pense, menina!

— Não sei, Majestade...

— Porque faz mais calor em maio e setembro.

Continuei sem entender. Minha confusão ficou estampada em meu rosto.

— Está na hora de você parar de acatar essa bobagem sobre Deus e os santos. Só existe um poder na Terra: o poder sobre a vida e a morte. Por enquanto, pelo menos em Nápoles, eu o possuo.

Tornou a me instigar:

— Pois então, pense. No começo, a substância no frasco é sólida. Pense na gordura de um porco ou de um carneiro. O que acontece com

essa gordura, quando se assa o animal num espeto, ou seja, quando ele é exposto ao calor?

— Ela pinga no fogo.

— O calor transforma o sólido num líquido. Talvez, portanto, se você tirar o relicário de São Januário do seu armário frio e escuro e o levar para o Duomo, num dia quente e ensolarado, e se esperar um pouco... *il miracolo e fatto*. De sólido para líquido.

Eu já estava chocada, e a heresia de meu avô só fez aprofundar essa sensação. Lembrei-me da atitude desatenta de Fernando em relação a tudo que era religioso, de sua ânsia de se ausentar da Missa ou de acabar depressa com ela. Duvidei que em algum momento ele se ajoelhasse diante do altazinho que conduzia ao cômodo que abrigava suas verdadeiras convicções.

Ao mesmo tempo, no entanto, intriguei-me com sua explicação do milagre; minha fé tornou-se imperfeita, entremeada de dúvidas. Mesmo assim, o hábito era forte. Em silêncio, rezei depressa a Deus para que perdoasse o rei, e a São Januário para que o protegesse, apesar de seus pecados. Pela segunda vez nesse dia, orei a Januário para que protegesse Nápoles — embora não necessariamente dos crimes cometidos pela natureza ou por barões desleais.

Fernando estendeu sua mão ossuda e cheia de veias azuladas para a minha, bem menor, e a espremeu num aperto que não admitia discordância.

— Vamos, menina. Devem estar querendo saber onde nos metemos. Além disso, você já viu o bastante.

Pensei em cada homem do museu dos mortos — em como eles deviam ter sido apresentados por meu avô tripudiante ao destino que os esperava, em como os mais fracos deviam ter chorado e suplicado que ele os poupasse. Perguntei-me como teriam sido mortos; certamente, por um método que não deixava vestígios.

Fernando ergueu bem alto a vela e me retirou de sua galeria desalmada. Enquanto eu aguardava na sala do altar até ele fechar a portinha, refleti sobre o visível prazer que o rei extraía da companhia de suas vítimas. Ele era capaz de matar sem remorso, capaz de saborear esse ato. Talvez eu devesse temer por minha própria vida, sendo uma fêmea desnecessária, mas não pude. Aquele era meu avô. Estudei seu rosto sob a luz dourada: exibia a mesma expressão benevolente, possuía as mes-

mas bochechas coradas que eu sempre conhecera, com seu rendilhado de minúsculas veias rompidas. Vasculhei-lhe os olhos, muito parecidos com os meus, à procura dos sinais de crueldade e loucura que haviam inspirado o museu.

Esses olhos me perscrutaram também, penetrantes, assustadoramente lúcidos. Ele apagou a vela com um sopro, colocou-a no pequeno altar e voltou a segurar minha mão.

— Não contarei a ninguém, Majestade — disse eu, enunciando as palavras não por medo, nem por querer me proteger, mas pelo desejo de deixar Fernando ciente de que minha lealdade a minha família era completa.

Ele riu baixinho.

— Minha cara, não me importa. Tanto melhor se você contar. Meus inimigos me temerão ainda mais.

Atravessamos de novo o quarto do rei, a sala de estar, o gabinete externo e, por último, a sala do trono. Antes de abrir a porta, ele se virou para me olhar.

— Não é fácil para nós sermos os mais fortes, não é?

Inclinei o queixo e ergui os olhos para ele.

— Estou velho, e haverá quem lhe diga que estou ficando com o juízo fraco. Mas ainda reparo na maioria das coisas. Sei que você ama seu irmão — observou. Concentrou o olhar dentro de si. — Eu amava Joana, porque sua natureza era boa e leal; eu sabia que ela nunca me trairia. Gosto de sua mãe pela mesma razão: é uma mulher meiga.

Nesse ponto, Fernando voltou a atenção para fora, para me estudar.

— Seu irmãozinho saiu a ela, é uma alma generosa. Inútil, quando se trata de política. Vi como você lhe é dedicada. Se o ama, cuide dele. Nós, os fortes, temos que cuidar dos fracos, você sabe. Eles não têm fibra para fazer o que é necessário para sobreviver.

— Cuidarei dele — retruquei, resoluta. Mas nunca subscreveria à idéia de meu avô de que a matança e a crueldade eram uma parte necessária de proteger Afonso.

Fernando abriu a porta. Caminhamos de mãos dadas pelo Grande Salão, onde os músicos tocavam. Corri os olhos pela multidão, à procura de Afonso, e o vi parado num canto distante, fitando-nos com olhos arregalados de coruja. Minha mãe e Isabel dançavam e, de momento, haviam-se esquecido por completo de nós, crianças.

Mas meu pai, o duque da Calábria, parecia haver registrado o desaparecimento do rei. Olhei para cima, assustada, quando ele parou à nossa frente e nos barrou o caminho com uma única pergunta.

— Majestade, essa menina o está aborrecendo?

Durante minha curta vida, eu nunca ouvira o duque dirigir-se a seu pai de outra maneira. Ele baixou os olhos para mim, com uma expressão hostil, desconfiada. Tentei munir-me dos maneirismos da pura inocência, mas, depois do que tinha visto, não pude ocultar o fato de que fora abalada até o âmago.

— Nem um pouco — respondeu Fernando, com bom humor. — Estivemos apenas fazendo uma exploração, só isso.

A revelação, seguida pela fúria, faiscou nos belos olhos desalmados de meu pai. Ele compreendeu exatamente onde meu avô e eu estivéramos — e, dada a minha reputação de vilã, percebeu que eu não fora convidada.

— Cuidarei dela — disse o duque, em tom de grande ameaça. Era famoso pelo modo perverso de tratar seus inimigos, os turcos; havia insistido em torturar e matar pessoalmente os que tinham sido capturados na Batalha de Otranto, por métodos tão desumanos que nós, crianças, não tínhamos permissão de ouvir falar deles. Eu disse a mim mesma que não estava com medo. Seria indecoroso que ele mandasse surrar a mim, um membro da realeza. Ele não se apercebia de que já me impusera o pior castigo possível: não me amava, e não fazia segredo disso.

E eu, orgulhosa como ele, jamais admitiria meu desejo desesperado de conquistar sua afeição.

— Não a castigue, Afonso — disse Fernando. — Ela é impetuosa, só isso.

— As meninas não devem ser impetuosas — contrapôs meu pai. — E essa, menos do que todas. Meus outros filhos são toleráveis, mas *ela* não tem feito outra coisa senão me aborrecer, desde o dia em que nasceu... um dia que lamento profundamente — e me fuzilou com o olhar. — Vá. Sua Majestade e eu temos assuntos a discutir. Você e eu falaremos disto depois.

Fernando soltou minha mão. Fiz uma pequena mesura e disse:

— Majestade.

Eu teria saído correndo à toda, se o Salão não estivesse repleto de adultos, todos os quais se voltariam e me cobriam decoro; sendo assim, andei o mais depressa que pude até onde meu irmão me esperava.

Ele deu uma única olhadela para meu rosto e me abraçou:

— Ah, Sancha! Então, é verdade... Sinto muito que você tenha visto. Ficou com medo?

Meu coração, que tanto se enregelara na presença de meus dois parentes mais velhos, derreteu-se na de Afonso. Ele não quis conhecer os detalhes do que eu tinha testemunhado, só quis saber como eu me saía. Fiquei meio surpresa com o fato de meu irmão não se mostrar mais chocado ao tomar conhecimento de que os boatos eram verdadeiros. Talvez ele compreendesse o rei melhor do que eu.

Afastei-me um pouco, mas continuei com os braços enlaçados nos dele.

— Não foi muito ruim — menti.

— Papai parecia zangado; receio que a castigue.

Encolhi os ombros.

— Pode ser que não. Fernando não se importou nem um pouco.

Fiz uma pausa e acrescentei, em tom infantil de bravata:

— Além disso, o que papai vai fazer? Mandar-me ficar em meu quarto? Deixar-me sem jantar?

— Se ele fizer isso — sussurrou Afonso —, irei até lá e poderemos brincar em silêncio. Se você sentir fome, posso levar-lhe comida.

Sorri e pousei a palma da mão em seu rosto.

— A questão é que você não deve se preocupar. Não há nada que papai possa fazer que me magoe de verdade.

Como eu estava errada!

D. Esmeralda nos aguardava do lado de fora do Grande Salão para nos reconduzir ao quarto das crianças. Afonso e eu íamos alegres, especialmente ao passar pela sala de aulas, onde, não fosse pelo feriado, estaríamos estudando latim sob a tutela pouco inspirada do frei Giuseppe Maria. Frei Giuseppe era um frade dominicano de rosto tristonho, do mosteiro vizinho de San Domenico Maggiore, famoso como o local em que um crucifixo dirigira a palavra a Santo Tomás de Aquino, dois séculos antes. Frei Giuseppe era tão extraordinariamente corpulento que Afonso e eu o havíamos batizado em latim de *Fra Cena*, o Frade Ceia. Ao passarmos pela sala, comecei a declinar solenemente nosso atual verbo favorito.

— *Ceno* — enunciei. Eu ceio.

Afonso concluiu, *sotto voce*:

— *Cenare. Cenavi. Cenatus.*

D. Esmeralda revirou os olhos, mas não disse nada.

Ri com a pilhéria sobre frei Giuseppe, mas, ao mesmo tempo, recordei uma frase que ele tinha usado em nossa última aula, para nos ensinar o caso dativo. *Deo et hominibus peccavit.*

Ele pecou contra Deus e os homens.

Pensei nos olhos marmóreos de Robert, fixados em mim. *Eu queria ter certeza de que eles estavam ouvindo.*

Ao chegarmos ao quarto das crianças, a camareira ajudou Esmeralda a tirar cuidadosamente nossas roupas de festa, enquanto nos remexíamos com impaciência. Depois, fomos vestidos em roupas menos restritivas — um vestido folgado e austero para mim, uma túnica simples e calções para Afonso.

A porta do quarto se abriu e nós nos voltamos, vendo entrar nossa mãe, sra. Trusia, acompanhada por sua dama de companhia, D. Elena, uma nobre espanhola. Esta havia trazido seu filho, nosso parceiro favorito de brincadeiras: Arturo, um diabrete ossudo de pernas e braços compridos, que se destacava nas corridas e nas subidas em árvores, esportes que eu apreciava. Mamãe havia trocado seu traje negro formal por um vestido amarelo pálido; ao olhar para seu rosto sorridente, pensei no sol napolitano.

— Crianças — anunciou ela. — Tenho uma surpresa. Vamos fazer um piquenique.

Afonso e eu soltamos gritos de aprovação. Cada um segurou uma das mãos macias de sra. Trusia. Ela nos conduziu para fora do quarto e pelos corredores do castelo, com D. Elena e Arturo atrás.

Antes de chegarmos à liberdade, porém, tivemos um encontro infausto.

Cruzamos com meu pai. Sob o bigode preto-azulado, seus lábios exibiam uma soturna determinação, e seu cenho estava franzido. Depreendi que ele se dirigia ao quarto das crianças para me infligir meu castigo. Dadas as circunstâncias do momento, também pude adivinhar qual seria a punição.

Paramos abruptamente.

— Alteza — disse minha mãe, com meiguice, e fez uma mesura. D. Elena a acompanhou.

Ele respondeu ao cumprimento de Trusia com uma pergunta seca:

— Para onde vão?

— Vou levar as crianças a um piquenique.

O olhar do duque percorreu ligeiro o nosso pequeno grupo e pousou em mim. Endireitei os ombros e ergui o queixo, desafiadora, decidida a não dar nenhum sinal de desapontamento ante seu dito seguinte.

— Ela não.

— Mas, Alteza, é feriado...

— *Ela* não. Hoje ela se portou de maneira abominável. É preciso resolver isso de imediato.

Fez uma pausa e lançou sobre minha mãe um olhar que a fez murchar como um botão sob o calor escaldante.

— Agora, vão.

Sra. Trusia e Elena repetiram sua reverência ao duque; minha mãe e Afonso lançaram-me olhares pesarosos, antes de se afastarem.

— Venha — disse meu pai.

Voltamos em silêncio para o quarto das crianças. Ao chegarmos, D. Esmeralda foi convocada para presenciar o discurso formal de meu pai.

— Não deveria ser-me exigido desperdiçar um só instante de minha atenção com uma menina imprestável, sem a menor esperança de ascender ao trono, muito menos com uma criança bastarda.

Ele não havia terminado, mas a forma displicente com que me descartou feriu tanto, que não pude deixar escapar a oportunidade de retaliação.

— Que diferença faz isso? — apressei-me a interromper. — O rei é bastardo, o que faz do senhor o filho de um bastardo.

Ele me esbofeteou com tamanha força que me vieram lágrimas aos olhos, mas me recusei a deixar que corressem. D. Esmeralda teve um pequeno sobressalto quando ele me bateu, mas conseguiu manter o controle.

— Você é incorrigível — disse meu pai. — Mas não posso permitir que continue a desperdiçar meu tempo. Você não merece um minuto de minha atenção. A disciplina deve ser da alçada das amas, não dos príncipes. Já lhe neguei alimento, já a tranquei em seu quarto, mas nada disso contribuiu para acalmá-la. E você já está quase na idade de se casar. Como hei de transformá-la numa moça comportada?

Calou-se e pensou por um bom tempo. Em seguida, vi seus olhos se estreitarem, depois luzirem de compreensão. Um sorriso desdenhoso e frio bailou em seus lábios.

— Tenho-lhe recusado as coisas erradas, não é? Você é uma criança teimosa. É capaz de ficar sem comida ou sem sair por algum tempo, porque, embora *goste* dessas coisas, elas não são o que você mais ama.

Fez um aceno com a cabeça, cada vez mais satisfeito com seu plano.

— Então, é isto que devo fazer. Você não se modificará enquanto não lhe for negado aquilo que você ama acima de tudo.

Senti as primeiras pontadas de um medo real.

— Duas semanas — disse ele, virando-se e se dirigindo a D. Esmeralda. — Ela não deverá ter nenhum contato com o irmão nas próximas duas semanas. Eles não têm permissão para fazer refeições juntos, brincar ou falar um com o outro, não têm nem mesmo permissão para se avistar. O futuro da senhora depende disso. Compreendeu?

— Compreendi, Alteza — respondeu D. Esmeralda, tensa, espremendo os olhos e desviando o olhar. Comecei a gemer.

— O senhor não pode tirar o Afonso de mim!

— Está resolvido.

Na expressão inflexível e desalmada de meu pai, detectei os sinais de prazer. *Filius Patri similis est*. O Filho assemelha-se ao Pai.

Debati-me em busca de razões; as lágrimas que se haviam acumulado na borda de meus olhos corriam agora um perigo verdadeiro de cascatear por minhas faces.

— Mas... mas o Afonso me adora! É *ele* que sairá ferido se não puder me ver, e ele tem sido um bom filho, um filho perfeito. Não é justo! O senhor estará castigando Afonso por uma coisa que ele não fez?

— Que tal, Sancha? — escarneceu meu pai, baixinho. — Que tal se saber responsável por magoar aquele a quem você mais ama?

Olhei para o homem que me dera a vida — aquele que se comprazia tão cruelmente em ferir uma criança. Se eu fosse homem, em vez de uma menina, e se tivesse uma espada, a raiva tomaria conta de mim e eu lhe cortaria a garganta ali mesmo. Naquele instante eu soube o que era sentir um ódio infinito e irreversível por alguém a quem amava irremediavelmente. Senti vontade de magoá-lo como ele me havia magoado, e de me comprazer com isso.

Depois que ele se foi, finalmente chorei; mas, enquanto derramava minhas lágrimas raiosas, jurei que nunca mais permitiria que homem algum, muito menos o duque da Calábria, me fizesse chorar.

Passei as duas semanas seguintes num tormento. Vi apenas os criados. Embora tivesse permissão para brincar do lado de fora, se quisesse, recusei-me a fazê-lo, assim como recusei com petulância quase todas as refeições. Dormi mal e sonhei com a galeria espectral de Fernando I.

Fiquei com o ânimo tão abatido e o comportamento tão difícil, que D. Esmeralda, que nunca havia levantado um dedo contra mim, esbofeteou-me duas vezes, exasperada. Continuei a remoer meu impulso repentino de matar meu pai; aquilo me aterrorizara. Convenci-me de que, sem a influência gentil de Afonso, eu me transformaria numa tirana cruel e meio louca, como o pai e o avô com quem tanto me parecia.

Quando as duas semanas finalmente passaram, agarrei meu irmãozinho e o abracei com uma ferocidade que nos deixou a ambos sem fôlego.

Quando enfim consegui falar, disse-lhe:

— Afonso, temos que fazer um juramento solene de nunca mais nos separarmos. Mesmo quando estivermos casados, teremos que ficar em Nápoles, perto um do outro, porque sem você enlouquecerei.

— Eu juro — disse Afonso. — Mas, Sancha, você tem a mente perfeitamente sã. Com ou sem mim, nunca precisará temer a loucura.

Meu lábio inferior tremia quando lhe respondi:

— Sou parecida demais com papai, fria e cruel. Até o vovô disse isso: sou inflexível como ele.

Pela primeira vez, vi uma raiva verdadeira faiscar nos olhos de meu irmão.

— Você é tudo, menos cruel; é gentil e generosa. E o rei está errado. Você não é inflexível, é apenas... teimosa.

— Quero ser como você — retruquei. — Você é a única pessoa que me faz feliz.

Desse momento em diante, nunca mais dei um só motivo para que nosso pai me castigasse.